

# LE BON PLAISIR DO GEÓGRAFO YVES LACOSTE<sup>1</sup> PARTE III

Transcrição, tradução e adaptação de  
Florence Baltz Zanotelli  
e Cláudio Luiz Zanotelli.<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui a conclusão de duas outras partes de uma entrevista concedida a uma rádio francesa, publicadas no primeiro e no segundo número da revista *Geografares*, do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Gostaríamos de, mais uma vez, agradecer a gentileza e a confiança do professor Yves Lacoste, que nos autorizou a traduzi-la e nos permitiu publicá-la com exclusividade nesta revista.

O conteúdo sofreu algumas adaptações. Suprimimos certas citações de textos, poemas e músicas presentes na gravação original e eliminamos algumas passagens não compreendidas, tendo em vista que a gravação foi realizada por meio do rádio.

A entrevista faz parte do clássico programa *Le Bon Plaisir*, da rádio *France Culture*. Esse programa é organizado em diversos blocos, nos quais Yves Lacoste conversa com convidados ilustres, escolhidos por ele e pela direção do programa. Por essa razão, também

optamos por apresentar a entrevista em forma de blocos, cada um com convidados diferentes. Portanto não se pode esperar uma continuidade de assuntos e temas ao longo do texto. Todas as notas de rodapé são dos tradutores.

## JULIEN GRACQ, LITERATURA, GEOPOLÍTICA E PAISAGEM

J – Jornalista

JG – Julien Gracq<sup>3</sup>

YL – Yves Lacoste

*Às margens dos Syrta*<sup>4</sup>, uma tomada de comando, a senhoria de Orsena vive à sombra de uma glória, que foi conquistada no século passado pelo sucesso de suas armas contra os infieis e pelos benefícios fabulosos de seu comércio com o Oriente. Ela é semelhante a uma pessoa muito velha e nobre, que se retirou do mundo e que, apesar da perda de seu crédito e da ruína de sua fortuna, tem seu prestígio, o que ainda a protege contra as afrontas dos credores. Sua atividade é fraca, mas

1. Programa especial da Radio France Culture – *Le Bon Plaisir* (O deleite), sobre Yves Lacoste (30/4/94), Paris, França.

2. Florence Baltz Zanotelli é professora da Aliança Francesa e do Curso de Francês do Centro de Línguas da UFES e Cláudio Luiz Zanotelli é professor doutor do curso de Geografia da UFES.

3. Julien Gracq, nascido em 1910, é geógrafo e um grande escritor, marcado pelo surrealismo. É autor de romances com uma atmosfera misteriosa e onírica, como, por exemplo, *Às margens dos Syrta*.

4. A referência a Syrta provavelmente diz respeito a uma região desértica e costeira da Líbia.

*ainda tranqüila e como que majestosa. É aquela de um velho cuja aparência, por muito tempo robusta, nos deixa incrédulos sobre o progresso contínuo da morte nele.*

*A província dos Syrtas está perdida nos confins do sul. Estradas raras e com manutenção ruim ligam-na à capital através de uma região meio desértica. O mar de suas cercanias tem profundezas perigosas, nunca permitiu o estabelecimento de um porto utilizável. O mar que a prolonga é vazio. Os vestígios e as ruínas antigas tornam mais sensível a desolação de seus abordos. Suas areias estereis sustentaram com efeito uma civilização rica, no tempo em que os árabes invadiram a região e a fertilizaram por meio de irrigações engenhosas. Mas depois a vida retirou-se dessas extremidades longínquas, como se o centro tagarela de um corpo político mumificado não chegasse mais até elas. Dizem que o clima está secando progressivamente, e que as raras manchas de vegetação a cada ano diminuem, como que roídas pelos ventos que vêm do deserto. Os funcionários do Estado consideram Syrtas de maneira ordinária, como um purgatório onde se expiam alguns erros cometidos no serviço durante anos de tédio intermináveis. Aqueles que ali se mantêm por gosto atribuem à Orsena maneiras rústicas e meio selvagens. A viagem ao fundo dos Syrtas, quando somos constrangidos a empreendê-la, é acompanhada de um cortejo de piadas infinitas...<sup>5</sup>*

**J** – Você também, Julien Gracq, frequentou o Instituto de Geografia no alto da rua Saint Jacques (Paris)?

**JG** – Sim, eu estava em plena atividade.

**J** – Você se sentia mais historiador ou mais geógrafo, ou você nunca se colocou a questão?

**JG** – Eu sou geógrafo... havia uma agregação.<sup>6</sup> Eu escolhi a agregação por causa da Geografia. Havia um certificado especial de Geografia Física que era a especialidade do geógrafo De Martonne.

**YL** – Os bons geógrafos eram aqueles que faziam primeiramente Geografia Física.

**JG** – De Martonne tinha uma autoridade.

**YL** – No seu último livro *Les carnets du grand chemin* (Os carnês do grande caminho), você fala de sua escolha da Geografia naquele tempo, pois era um domínio universitário novo.

**JG** – Sim, era um domínio novo. Existia praticamente somente Vidal de La Blache na França.

**YL** – Havia muitas universidades que não tinham ainda geógrafos.

**JG** – Tinha De Martonne, que era genro de Vidal de La Blache. Era a geração seguinte; eu era jovem.

**J** – O que o atraía na Geografia era a possibilidade de partir com uma mochila e de se impregnar das paisagens, era a vontade de compreender o mundo, de compreender a terra?

**JG** – Acredito que sempre gostei das paisagens. Quando era criança, colava-me à janela do vagão do trem e olhava a paisagem. Olhava tudo que passava, isso me interessava muito. Observava as diferenças na paisagem, o aspecto das casas, das árvores, dos cemitérios, observava as diferenças políticas e religiosas dos lugares, Tive uma espécie de despertar para a Geografia quando, no liceu, no ensino secundário, começamos a utilizar a carta geológica. Tomei gosto para decifrar as criptografias das cartas. Para mim era uma chave para decifrar a paisagem. Isso mais a leitura do livro *Quadro da França*, de Vidal de La Blache, de 1903<sup>7</sup>, fizeram-me decidir ser geógrafo. Mas eu sempre tive a paixão de olhar. Foi Júlio Verne que esteve na origem de tudo, pois eu o li com paixão.

**YL** – Qual o livro de Júlio Verne que mais o interessou?

**JG** – *As aventuras do capitão Terrasse*. Nele há uma espécie de poesia.

**YL** – O livro que me marcou muito foi *A ilha misteriosa*. Fala da construção de uma sociedade sem mulheres, o que coloca um problema para o futuro.

5. Provavelmente essa citação, transcrita do programa *Le Bon Plaisir* da *France Culture* sobre Yves Lacoste, tenha sido retirada do romance de Julien Cracq, *Les rivages des Syrtas* (As margens dos Syrtas), publicado em 1951. Não há nenhuma referência à origem do texto na emissão.

6. Ver nota explicativa na Parte I.

7. VIDAL DE LA BLACHE, P. *Tableau de la géographie de la France*. Paris: Table Ronde, 1994.

8. Geógrafo francês. Nasceu em Cormeilles, em 1872, e morreu em Paris, em 1940.

9. Geógrafo e sociólogo francês. Nasceu no Havre, em 1875, e morreu em Paris, em 1959.

10. A Vendée é um Departamento (Circunscrição Administrativa e Coletividade Territorial, englobando diversas comunas ou municípios) da Região do País de Loire, costa oeste da França. O *Bocage* (lugar onde os campos são cercados por sebes ou árvores e onde o habitat é disperso em fazendas e vilarejos). Vendée domina a maior parte do Departamento. A guerra da Vendée (1793-1796), que aconteceu

**JG** – As aventuras do capitão Terrasse são muito bonitas, com as ilustrações da época.

**YL** – Voltando ao que você fala da Geografia em *Os carnês do grande caminho*, o que me parece muito interessante é quando você diz: “Em nenhum lugar o cordão umbilical foi cortado, do lado da Geologia, do lado da História, do lado da Economia, da Meteorologia, da Agronomia, das Ciências Políticas, elas se alimentavam sempre livremente”.

**JG** – Eu estudei com De Martonne, com Demangeon<sup>8</sup>. Falávamos de tudo, estávamos centrados, naturalmente, com Demangeon, na Geografia Econômica, com De Martonne, na Morfologia, mas não desprezávamos, se havia alguma coisa a falar, o *habitat*.

**YL** – Nos domínios com os quais a Geografia está em contato, você faz observações excepcionais para um geógrafo daquela época, sobretudo quando fala da História Econômica, da Meteorologia e das Ciências Políticas. Como se fazia nos anos 1930 esse contato com as Ciências Políticas? Por qual intermediário?

**JG** – Para mim foi, sobretudo, a tese de Siegfried.<sup>9</sup> *A geografia política da França do Oeste*, de 1913, foi uma brilhante demonstração. Ela envelheceu em alguns aspectos, mas continua de qualquer forma atual. Há algo de impressionante na justaposição das cartas eleitorais e geológicas.

**YL** – Seu interesse pelo livro de Siegfried veio porque você é originário da França do Oeste?

**JG** – Sim, claro.

**YL** – A preocupação com a herança das guerras da Vendée<sup>10</sup>, que era um dos grandes problemas de Siegfried, nós a encontramos em muitos de seus escritos, notadamente a propósito de Nantes.<sup>11</sup>

**JG** – Sim, o caso de Nantes é muito curioso, é o caso de uma cidade estrangeira a seu entorno, largamente estrangeira a seu entorno. Há aqui algo singular do ponto de vista geográfico. A Vendée militar interessa-me por causa disso: na origem foi a criação de um *páís*<sup>12</sup> por um evento militar. É o que eu chamo de paisagem histórica, é um *páís* que não tinha nenhuma existência antes de 1789, é um *páís*

dos confins. Há a região do Baixo Poitou de um lado e a região de Anjou de outro; há também o *páís* de Nantes (região de Nantes). Na Vendée não havia cidades no interior do *Bocage*.<sup>13</sup> Chollet era um burgo de tecelões na época e a capital dos vendéens, Chatillon, era um burgo de 2.500 a 3.000 habitantes. Assim, não havia estradas nem Guarda Nacional para parar a insurreição; os vendéens não encontravam nada no caminho deles no início do movimento, não havia burguesia nem cidades. Há uma frase interessante de um escritor da Vendée: “A Vendée é o único departamento que se transformou em província”.<sup>14</sup> O *páís* criou-se a partir da guerra da Vendée; ele existiu como entidade a partir da guerra da Vendée; antes ele era cortado em uma zona indiferenciada, delimitada em zonas administrativas.

**J** – As fronteiras o atraem?

**JG** – Sim, a fronteira quando é zona de tensão, mas, na Vendée, era uma outra coisa.

**J** – É por isso que a leitura geopolítica de Yves Lacoste de *Às margens dos Syrtas* lhe interessou?

**JG** – Naturalmente, o interesse pelo livro não era a geopolítica. É muito difícil mergulhar de novo na origem de um livro depois de tê-lo escrito, pois a gente apaga um pouco espontaneamente os rascunhos, os andaimes. Isso desaparece da memória com o tempo, o que não é desinteressante, inclusive, pois a origem de um livro é um emaranhado. Mas havia muitas lembranças históricas no início: os acontecimentos de antes da guerra e da guerra me marcaram muito, pois eu tinha 20 anos quando houve a primeira explosão nazista. De repente, eles elegeram 120 deputados para o parlamento em 1930, e todo mundo entendeu que estava acontecendo alguma coisa. É curioso, pois as pessoas entenderam que uma página da história ia ser virada. Depois, isso foi crescendo aos poucos, isso me dava a impressão curiosa de um evento que cresce aos poucos, com um lado curiosamen-

nesse espaço e no seu entorno, foi uma insurreição contra-revolucionária. Ela teve por origem a oposição da população à mobilização de 300.000 homens, decidida pela Convenção, para participar na guerra em que a França desfez a aliança dos países opostos à Revolução Francesa. Os rebeldes, na maioria camponeses, formavam o exército católico e *Realista*. Essa rebelião foi debelada definitivamente em 1796, mas provocou muitos massacres e crueldades da parte dos rebeldes e também dos representantes do poder central dominante.

11. Hoje capital da Região do País de Loire e do Departamento da Loire-Atlantique, Nantes é uma cidade portuária que atingiu seu apogeu no século XVIII, com o tráfico triangular de escravos França-África-Antilhas, portanto, muito mais voltada para o mar que para as regiões do entorno.

12. Julien Gracq utiliza aqui a expressão *páís* no sentido da “região” da Vendée.

13. Sobre o *Bocage*, ver nota 10.

14. O autor quer significar com sua afirmação que o Departamento Vendée, recorte territorial administrativo introduzido pela Revolução Francesa, não se apoiou em um espaço provincial estruturado, como os outros departamentos, e que não havia antes uma região ou província chamada Vendée. A expressão província, segundo Yves Lacoste, é derivada da expressão *vincere*, que significa vencer. As províncias serviam para os romanos designarem os territórios conquistados por Roma antiga fora da Itália. Na França, existiam as províncias do antigo regime, antes da revolução. Uma parte delas foi transformada mais tarde em regiões. Província é hoje utilizada na França para designar os espaços regionais que não incluem a capital parisiense. É bom lembrar, também, que região, ainda segundo Lacoste, provém de *regere* (comandar, reger). Era a região militar romana.

te inevitável. Houve esforços para barrar a marcha da guerra, mas eu tinha e impressão de que todos os esforços aceleravam a queda. E depois houve, eu me lembro, uma catástrofe anunciada ou prevista, cuja chegada se fez esperar quase que interminavelmente. A guerra de 1939 se fez esperar por nove anos. Num certo momento, havia quase a vontade de acabar com a espera. A tensão não pode ser suportada indefinidamente. Tudo isso influenciou na elaboração do livro. Existem muitas lembranças nesse livro, eu me interessei muito pela filosofia da história de Jules Daguerre que me marcou muito. É um historiador em quem dá para se confiar, mas é visionário, de uma certa forma. Há no fundo desse livro a idéia de um país que caiu em coma histórico, que acorda e se recoloca na corrente, mas que é empurrado também por uma certa fadiga da inércia. A frase de Splengler<sup>15</sup>, “o destino é sempre jovem”, me tocou. Era um poeta, mas, sob certos aspectos, foi um personagem perigoso: ele não ficou completamente isento no nascimento do nazismo. Ele escreveu, no momento da guerra de 1914-1918, que houve uma derrota imerecida.<sup>16</sup> Mas isso freqüentemente ajuda a ver mais claro, pois são geralmente as pessoas frustradas em uma situação que têm tendência a ver um pouco no futuro, pois eles têm interesse. Já os bem-nascidos preferem que as coisas continuem como estão.

**J** – Desde a época de seus estudos, Julien Gracq, você se interessava pela coisa política?

**JG** – Sim, eu era interessado pela coisa política, eu militava<sup>17</sup> antes da guerra. Já disse, não há segredos sobre isso, mas isso terminou bastante abruptamente em 1939, com o Pacto Germano-Soviético.<sup>18</sup> Hoje eu olho sempre com interesse para a política como espectador. Adquiri um horror pelo engajamento, que continua até hoje.

**J** – Há pouco você dizia que, desde pequeno, olhava através das janelas dos vagões de trem

o desfilar das paisagens. A partir de qual momento você começou a anotar essas impressões, essas imagens?

**JG** – Eu não anoto, eu não tenho *dossier* ou carnê. As coisas de onde tirei o livro *Os carnês do grande caminho* não provêm de um carnê de notas, são fragmentos que escrevo. Eu tenho cadernos, algumas vezes esses cadernos foram a matéria para escrever um livro. Não são exatamente carnês nos quais se anotam reflexões que surgem. São textos redigidos, fragmentos redigidos sobre um assunto que me interessa. Eu comecei a preencher esses cadernos em 1950, tardiamente. Nunca utilizei notas para escrever um livro de ficção.

**J** – Você tem essas expressões dispersas sobre as quais nos tinha falado a propósito de *Às margens dos Syrtas* e que se colocam em ordem?

**JG** – Mais ou menos. Bem ou mal, não gosto de trabalhar muito com fichas. Eu não guardo as coisas. Já no liceu, no fim do ano, eu jogava meus cadernos no fogo. Gosto de desembaraçar-me das coisas. Tinha os cadernos de notas de Alain<sup>19</sup>, do qual fui aluno por dois anos. Eu não os guardei. Se a memória não retém, não vale a pena.

**J** – O que é muito mais determinante para você, Julien Gracq, é o ponto de encontro entre um lugar, um espaço, uma paisagem e uma situação histórica. Isso é mais importante para você que um destino individual ou um personagem?

**JG** – Sim, os meus livros não nascem de personagens, mas de grupos de personagens. Por exemplo, há um grupo no livro *O belo tenebroso*. As tensões entre os personagens também me interessam. Os personagens são campos sob tensão. Eu diria que todos os meus livros são campos de forças sob tensão. Por exemplo, em *O belo tenebroso* a presença da morte fascina as pessoas e agrupa-as, pois elas têm todas uma mesma preocupação, isso as faz viver juntas. *Às margens dos Syrtas* é a guerra. A fronteira é um elemento extraordi-

15. Filósofo alemão que viveu entre 1880 e 1936. Criticava o mito do progresso, comparava as civilizações a seres vivos submetidos ao crescimento, à maturidade e ao declínio. Escreveu o célebre livro *O declínio do ocidente: 1918-1922*.

16. O autor faz certamente referência aqui à derrota alemã na Primeira Guerra Mundial e às pesadas reparações de guerra que foram impostas ao Estado alemão.

17. O autor não afirma explicitamente, mas parece-nos que ele militou no Partido Comunista Francês (PCF), pois afirma ter abandonado a militância quando do pacto estabelecido entre Hitler e Stalin (Pacto Germano-Soviético, de 1939).

18. O que ficou conhecido como Pacto Germano-Soviético foi um acordo secreto de não-agressão estabelecido entre Hitler e Stalin em 1939, no qual foi selada a sorte da Polônia, pois alemães e russos partilharam o país. Os Partidos Comunistas dos diversos países da Europa, por causa desse pacto, passaram a considerar a guerra que a Alemanha e seus aliados levavam adiante contra os diversos países europeus (Polônia, França, Inglaterra e outros) como uma “guerra burguesa”. Assim, muitos Partidos Comunistas não se engajaram na resistência aos nazistas desde 1939. Mas houve exceções de seções do Partido Comunista e de muitos militantes comunistas que, pela Europa afora, pegaram em armas contra o ocupante alemão. Evidentemente, desde que Hitler pôde assegurar-se das vitórias no *front* ocidental, preparou a invasão da União Soviética, rompendo o pacto assinado em 1939.

19. Filósofo francês que viveu entre 1868 e 1951.

nário para colocar um campo sob tensão, a guerra. Nos primeiros livros são os personagens, eles são três e estão sob tensão, como nos termos da tríade de Hegel. Sabemos que, esperando uma solução dialética, eles estão sob tensão. Não há dúvida, é isso que me interessa. Da mesma forma, na paisagem há um elemento dramático.

**YL** – Eu não sei se você escreveu a expressão “paisagem drama”.

**JG** – Não, acredito que não.

**YL** – Mas, estamos próximos...

**JG** – Eu penso, sobretudo, que o que se organiza de uma maneira um pouco dramática é uma viagem, uma longa excursão. Sim, eu falo como de uma peça de teatro, uma excursão ao Maciço Central<sup>20</sup> que termina em Saint Pont. É verdade, é uma sucessão de paisagens que se organizam de uma maneira dramática para mim. Mas a paisagem, ela mesma, a não ser em alguns casos em que ela é maléfica, não produz o mesmo efeito dramático sempre, mas há sempre uma impressão de tensão.

**YL** – Você escreve, como em *Os carnês do grande caminho*, que faz nos seus textos cada vez menos psicologia e que, em compensação, a paisagem ocupa neles um lugar cada vez mais importante.

**JG** – Não é exatamente isso. Eu digo antes que os personagens se tornam um pouco transparentes à paisagem, vemos cada vez mais o entorno. Eu fui tocado pelas pinturas de Julard, por aquelas em que ele pinta bibliotecas. Há, eu acho, uma dessas pinturas no Museu de Arte Moderna. O personagem que lê, que está imóvel, incorpora o livro, funde-se no livro, transforma-se em uma espécie de escultura em pedra, imóvel dentro da biblioteca. É muito curioso. Acontece de meus personagens em meus livros irem nesse sentido, eu não os vejo fora da paisagem. Um livro não é como a vida, tudo ali está junto uma vez por todas. Dito assim é um pouco *naïf*, mas há dez linhas sobre um personagem e depois há dez linhas sobre a chaminé da sala, e tudo isso está lado a lado e se segue, o que, em conseqüência, é inseparável. O personagem para mim não se

descola facilmente de seu entorno, ele pertence a ele, é um elemento do livro do mesmo modo que uma paisagem. Que escrevamos quinze linhas sobre a psicologia do personagem ou sobre o mobiliário, eles têm praticamente o mesmo valor, fazem parte do livro. O livro é um contínuo indissolúvel e a vida, não.

#### A PALAVRA FINAL DE YVES LACOSTE

**J** – Yves Lacoste, no fim do périplo deste *Le Bon Plaisir* que nos levou a Saint Denis, a Saint Remy Les Chevreuses, aos abordos do rio Loire<sup>21</sup>, à casa de Julien Gracq e, depois, pelo pensamento, pelas lembranças, à África do Norte e a outros lugares, nós nos encontramos em Bourg La Reine<sup>22</sup>, no lugar onde você vive há muitos anos...

**YL** – Desde 1939.

**J** – Falemos um pouco de você, Yves Lacoste, para finalizar o programa. Você acredita na fidelidade? O que o faz funcionar fora da Geografia?

**YL** – É uma questão difícil. É como geógrafo que eu funciono, mas nas relações com o que eu amo, eu não funciono; eu tento compreender, não ser muito o urso protetor. Meus filhos chamam-me de pai urso. O pai urso tem funções um pouco açambarcadoras, tento não ser muito útil para eles, não enchê-los muito com minha atenção. Mas não funciono; quando funciono é como geógrafo, consciente, o mais imperialista possível. Acho que cada domínio científico deve ser imperialista. Se todo mundo é imperialista, nós nos encontramos em uma perfeita igualdade, assim pode haver cooperação. Eu sou profundamente geógrafo, mas minha concepção de Geografia, por uma parte considerável, integra fundamentalmente a História. Por causa disso, será que eu entrarei em conflito com os historiadores? Não, de jeito nenhum. Admiro profundamente os historiadores, mas eles partem dos tempos antigos para ir aos tempos menos

20. Conjunto de altas terras do centro e do sul da França, com uma superfície de 80.000 km<sup>2</sup> correspondendo a 1/7 da França, com picos de 1.885 metros de altitude.

21. O Loire é um importante rio francês o segundo em extensão, com 1.020 km que nasce no Maciço Central (Região da Auvergne), atravessa o centro e o oeste do país e vai desaguar no Atlântico Norte, tendo às suas margens, a jusante, a cidade de Nantes, capital da Região do Pays de Loire.

22. Municipalidade do subúrbio sul da região parisiense, localizada no Departamento de Hauts-de-Seine.

antigos. Eu me situo no presente. Para compreender esse presente, para compreender as formas das paisagens, o horizonte... sou obrigado, constantemente, a fazer referência à história, à pré-história, a milhões de anos geológicos, e também à história mais recente e à história que está se fazendo.

**J** – Tempos longos e tempos curtos...

**YL** – Sim, tempos longos e tempos curtos. Tenho uma grande admiração por Braudel a quem considero como um grande geógrafo.

Para mim, cuidar de problemas da história, com o risco de não ser especialista em História, eu o assumo. E diria que há um outro risco, isso para implicar com os historiadores: é que os historiadores escrevem quando sabem quem ganhou a batalha, no entanto, na concepção da Geografia que tenho, a batalha ainda não acabou e às vezes nós ainda não sabemos se vai haver batalha, só podemos esperá-la.

FIM